

NIETZSCHE ENTE ÉDIPO E PROMETEU: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A ORIGEM DA TRAGÉDIA

Francielly Alves Costa (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Wagner Dalla Costa Félix (Orientador), e-mail: fran.97_@hotmail.com. Fonte Arial 12, normal, centralizado, espaço simples

Universidade Estadual de Maringá/Centro de Ciências Humanas/Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento conforme tabela do [CNPq/CAPES](#): Ciências Humanas/Filosofia

Palavras-chave: Estética, Tragédia, Nietzsche.

Resumo:

O presente projeto tem como objetivo explorar as teses de Nietzsche acerca da tragédia grega clássica expostas na obra *O nascimento da tragédia e Introdução à tragédia de Sófocles* por meio de suas interpretações do *Édipo Rei* de Sófocles e do *Prometeu acorrentado* de Ésquilo. Nietzsche interpreta o sentido da experiência trágica a partir da relação entre os princípios apolíneo e dionisíaco, os quais são forças que emergem, primeiramente sem a necessidade da mediação do artista, como os impulsos que compelem a humanidade por um lado à individuação e configuração, e, por outro lado, à subsunção à unidade coletiva da realidade intoxicante. Na peça trágica, o dramaturgo expõe, segundo Nietzsche, a unidade entre ambos os princípios, sendo capaz de conformar em imagens o estado de embriaguez dionisíaca. Em Édipo e Prometeu, Nietzsche encontrará justamente as imagens ou máscaras que escondem Dionísio, o herói trágico original, embora apresentado por meio de experiências distintas. Em contraste com o destino passivo de Édipo, que sofre não por um crime que teria cometido, porém pela culpa que a fatalidade lhe impõe, está o pecado ativo do Prometeu de Ésquilo. Prometeu rouba o fogo dos deuses para que o homem possa controlar seu próprio destino e não dependa dos caprichos dos deuses olímpicos. O mito de Prometeu revela o profundo desejo de justiça das narrativas de Ésquilo, que ao falar sobre o embate do indivíduo contra os limites da lei natural, segue o princípio dionisíaco.

Introdução:

Em sua obra *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche afirma:

Pois, acima de tudo, para a nossa degradação e exaltação, uma coisa nos deve ficar clara, a de que toda a comédia da arte não é absolutamente representada por nossa causa, para a nossa melhoria e educação, tampouco que somos os efetivos criadores desse mundo da arte: mas devemos sim,

por nós mesmos, aceitar que nós já somos, para o verdadeiro criador desse mundo, imagens e projeções artísticas, e que a nossa suprema dignidade temo-la no nosso significado de obras de arte - pois só como fenômeno estético podem a existência e o mundo justificar-se eternamente -, enquanto, sem dúvida, a nossa consciência a respeito dessa nossa significação mal se distingue da consciência que têm, quanto à batalha representada, os guerreiros pintados em uma tela. (NIETZSCHE, 2017, P. 47)

A afirmação de Nietzsche é de grande importância porque, como o próprio pensador, mais tarde, no novo prefácio que escreveu para o *Nascimento da Tragédia*, que chamou de *Tentativa de autocrítica*, trata-se aí de propor compreender a vida na perspectiva da arte, da experiência estética; mas também significa compreender a arte na perspectiva da vida, ou seja, também a arte enquanto composta de um jogo de forças que hora se conciliam, hora se antagonizam, e que, como impulsos vitais, precedem mesmo a consciência artística do indivíduo criador.

Nosso propósito nesse projeto será, a partir da leitura das obras de Nietzsche *O Nascimento da Tragédia* e *Introdução à Leitura de Sófocles*, investigar como o filósofo compreende e expõe por meio de suas interpretações os impulsos vitais apolíneo e dionisíaco nas obras de arte elas mesmas, ou seja, nas próprias tragédias. Trata-se, em parte, de confrontar as especulações nietzschianas acerca da origem da tragédia com os textos eles mesmos, a fim de perguntar como suas teses podem servir de chave de interpretação para o leitor contemporâneo, ou se elas apenas se utilizam dos dramas gregos para exemplificar suas posições particulares. Às leituras de Nietzsche iremos contrapor as interpretações de Schiller, Schelling e Hölderlin, especialmente do *Édipo Rei* de Sófocles e *Prometeu acorrentado* de Ésquilo, obras às quais a filosofia do romantismo alemão, de cujas interpretações Nietzsche procura se afastar, deu bastante atenção. Em Édipo e Prometeu, Nietzsche encontrará justamente as imagens ou máscaras que escondem Dionísio, o herói trágico original, embora apresentado por meio de experiências distintas. Em contraste com o destino passivo de Édipo, que sofre não por um crime que teria cometido, porém pela culpa que a fatalidade lhe impõe, está o pecado ativo do Prometeu de Ésquilo. Prometeu rouba o fogo dos deuses para que o homem possa controlar seu próprio destino e não dependa dos caprichos dos deuses olímpicos. O mito de Prometeu revela o profundo desejo de justiça das narrativas de Ésquilo. O mito prometeico, que fala sobre o embate do indivíduo contra os limites da lei natural, segue o princípio dionisíaco, enquanto Apolo clama aos indivíduos que aquiesçam aos limites. No entanto, porque anseia por justiça, pela justa medida, o mito prometeico também se revela apolíneo.

Materiais e métodos:

A metodologia utilizada no desenvolvimento da presente pesquisa consistiu-se primeiramente na leitura e análise de *O nascimento da tragédia*, após isso se seguiu as demais obras que foram necessárias de Friedrich Nietzsche, buscando

compreender os textos segundo a perspectiva do autor. Em seguida houve a leitura dos comentadores indicados na bibliografia, todos que em certo ponto se inserem no debate sobre a tragédia, seja historicamente ou, assim como Nietzsche, adentrando no cerne da relação entre o modo de viver dos gregos, a tragédia e os impulsos que a molda.

Resultados e Discussão:

A pesquisa filosófica, diferente daquelas realizadas nas áreas de exatas e biológicas, não apresenta conclusões com cunho de resposta absoluta, pois nosso trabalho é o de ler as obras e a partir disso tirar considerações sobre nosso tema de estudo. Desse modo, as vezes é difícil apontar com exatidão um resultado para discussão, visto que não é nosso trabalho achar uma resposta ou verdade para o tema, mas sim estudar ele a partir do nosso entendimento do autor e dos comentadores.

Sendo assim, em relação ao presente projeto, temos considerações sobre o tema, a saber: Nietzsche postula a tragédia como algo intimamente relacionado ao estilo de viver dos gregos antigos, ou seja, um estilo de vida marcado pela sensibilidade aos acontecimentos diários, um modo de viver diferente daquele dos contemporâneos ao filósofo. Também concluímos, pela perspectiva do autor, que a tragédia nasce dos instintos apolíneo e dionisíaco, figuras do panteão dos deuses olímpicos, cujo os poderes artísticos irrompem da natureza. Essas impulsos são as forças contraditórias que possibilitam a transmutação estética da realidade, sem a qual a vida não pode ser vivida plenamente. Assim, o ponto supremo da cultura grega e helênica foi atingido pela fusão desses dois opostos, poucos antes da decadência grega. Essa união dos elementos - dionisíaco e apolíneo - ocorre principalmente na tragédia e a tragédia surge como imitação desses dois universos, onde é possível o artista ao mesmo tempo onírico e extático. Entretanto, faz-se necessário aqui lembrarmos uma opinião diversa sobre o assunto, a de Hölderlin, que não via a força dionisíaca como Nietzsche, já que para ele era somente Apolo que evocava a tragédia.

Ademais, temos as figuras dos grandes dramaturgos gregos, representados por Sófocles, Eurípides e Ésquilo, figuras que suscitam opiniões diversas. Para Nietzsche Eurípides representa, junto de Sócrates, a queda da tragédia grega e do espírito de vida do homem helênico, ao evocarem a razão sem dar espaço aos instintos e a sensibilidade. Já quanto a Sófocles e Ésquilo as considerações divergem, em um primeiro momento é Sófocles o autor por excelência para Nietzsche, pois sua arte parece a medida certa entre o instinto e a racionalização desse instinto, porém em *O nascimento da tragédia*, o autor apresenta Ésquilo como o maior dramaturgo trágico. De qualquer forma, os três foram nomes importantes seja para a glória ou fim da tragédia. Porém temos figuras diferentes apresentadas por eles, como exemplo, o Édipo de Sófocles, que sofre acometido pela ironia do destino e por um pecado passivo, ou seja, que nem mesmo sabe que cometeu. Do outro lado temos o Prometeu de Ésquilo, cujo o pecado, ao qual ele tem plena consciência, é justamente contra o destino, ao roubar o fogo dos deuses para dar liberdade aos humanos.

Conclusões:

A partir das leituras do autor principal, Nietzsche, e dos demais comentadores, chegamos há algumas conclusões e consequências do estudo, como o fato de a tragédia ser parte essencial não somente de um estilo artístico, mas também de um modo de vida, ou seja, o modo helênico; dotado de sensibilidade e instintos. Fica claro também que esses instintos partem justamente das forças que caracterizam a arte trágica, o apolíneo e o dionisíaco, forças opostas, para Nietzsche, que juntas criam a essência trágica. Também concluímos que para o autor é Eurípides e Sócrates, como figuras somente racionais, que causam a derrocada da tragédia, pois há a retirada do espírito instintivo dela, que é representada pelo dionisíaco, ao passo em que o instinto apolíneo é aquele da organização e clareza. Por fim temos dois dramaturgos que criam personagens de certa forma opostos, Sófocles e seu Édipo e Ésquilo e seu Prometeu, no qual o primeiro é acometido por um destino que não dá chances de escapatória e o segundo segue um caminho contrário, ao tentar vencer esse destino.

Agradecimentos:

Agradeço à Universidade Estadual de Maringá pela oportunidade de realizar o presente projeto, assim como a Fundação Araucária, responsável pelo incentivo da pesquisa ao conceder a bolsa de Iniciação Científica, fator fundamental para a dedicação exclusiva que pude dar ao projeto e a graduação. Agradeço também ao Prof. Dr. Wagner Dalla Costa Félix pela gentileza, empenho e atenção ao aceitar o projeto e, principalmente, ao me orientar em todas as suas etapas. Sua dedicação e organização foram fundamentais para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Referências:

HÖLDERLIN, F.; BEAUFRET, J. **Observações sobre Édipo; observações sobre Antígona: precedido de Hölderlin e Sófocles**. Trad. Anna Luiza de Andrade Coli e Pedro Sússekind. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

NIETZSCHE, F. W. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. Tradução: J. Guinsburg. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2017.

_____. **Introdução à tragédia de Sófocles**. Tradução: Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2006.

SNELL, B. **A cultura grega e as origens do pensamento europeu**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.

VERNANT, J.; VIDALNAQUET, P. **Mito e pensamento entre os gregos**. Trad. Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.